

QUESTÕES DE MÉTODO OU DE CRENÇAS NO PROCESSO DE INTERVENÇÃO NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA/LÍNGUA ESPANHOLA: OS RESIDENTES E SUAS ESCOLHAS

Ana Paula de Lima Vilar¹
Márcia Cosma de Souza Silva²
Wanderlan Alves³

INTRODUÇÃO

Uma boa metodologia faz toda a diferença no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, por isso o professor deve pensar e refletir sobre cada conteúdo que deve ser ministrado e sobre como esse conteúdo pode ajudar no crescimento pessoal e intelectual de seus alunos. Segundo Brawn (2000, p. 15), metodologia é o estudo das práticas pedagógicas. É o “como ensinar”. Sendo assim, metodologia é a maneira como utilizamos os métodos para chegar a um fim específico, que, neste caso, é a aprendizagem dos nossos alunos, a partir de um objetivo. Já método vem do grego *méthodos*, uma palavra composta por *meta*, que denota sucessão, ordenação, um caminho. Partindo desta definição, o conceito de método está relacionado a um caminho, um objetivo, que visa a chegar a certos objetivos, fins, resultados, etc.

Neste sentido, objetiva-se aqui apresentar uma análise da metodologia utilizada por quatro professoras de espanhol/residentes durante três intervenções em sala de aula no programa de Residência Pedagógica/Língua Espanhola/UEPB/CCHE. A partir das nossas observações, observaremos se as metodologias adotadas em cada situação são, de fato, adequadas para se alcançar os objetivos propostos para as respectivas aulas e se proporcionam condições para o aprendizado dos estudantes.

A metodologia de ensino é muito importante para a aprendizagem de qualquer língua, por isso, o professor tem um papel fundamental na proposta, na escolha e na execução das atividades em sala de aula. Ensinar é uma tarefa que exige muito do professor, razão pela qual ele precisa estar sempre atento aos métodos que utiliza em cada uma de suas aulas. Medina destaca que “el método de enseñanza es el conjunto de decisiones y realizaciones fundamentadas que facilitan la acción docente” (MEDINA, 2009, p. 19). Sendo assim, quando

¹ Graduanda em Letras/Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba - PB, apvillar01@gmail.com;

² Graduanda em Letras/Língua Espanhola da Universidade Estadual da Paraíba - PB, marsouzaespanhol@email.com;

³ Doutor em Letras, professor da Universidade Estadual da Paraíba, PB, orientador do subprojeto de Residência Pedagógica/Língua Espanhola/UEPB/CCHE, alveswanderlan@yahoo.com.br.

um professor procura inovar em suas aulas, ajuda tanto aos alunos, quanto a si mesmo, facilitando a interação em sala. Apesar de existirem diferentes métodos, a escolha do método é pessoal, de acordo com suas próprias experiências, crenças e pesquisas. Dentre ele podemos destacar:

a) o método tradicional, também conhecido como método gramatical – é o mais antigo, nele a aprendizagem gira em torno da tradução e da versão de textos literários. Era usado para auxiliar os alunos na leitura de textos em língua estrangeira. Transmitiam-lhes o conhecimento sobre a língua. Nesse método, a gramática assume um papel normativo, sendo ela um dos focos centrais da aula;

b) o método áudio lingual, no qual a língua é vista como um conjunto de hábitos que se adquirem por meio de um processo mecânico de estímulo – resposta. Acredita-se que a aprendizagem das estruturas da língua acontece por meio de condicionamento, ou seja, quanto mais vezes algo é repetido, melhor será a aprendizagem;

c) o método comunicativo, no qual, Segundo Brown (2001), o professor passa a ser um mediador da aprendizagem, promove situações efetivas de uso da língua e atua como um conselheiro dos aprendizes. Nessa abordagem, o professor estimula a aprendizagem de competências culturais, sociolinguísticas, discursivas e estratégicas. Neste sentido, a comunicação em uma língua estrangeira requer mais do que simplesmente o conhecimento das regras, mas a utilização da língua de maneira concreta e reflexiva.

Desta forma, professores que propõem tarefas específicas e indicam quais são os objetivos de cada atividade são os mais positivos. Pois, quando o professor escolhe modelos de referência, investiga e considera as experiências de outros professores que deram certo, os alunos percebem que ele se preocupa com a sua aprendizagem, o que pode acarretar numa valorização positiva tanto das aulas quanto do docente e da própria disciplina.

O professor deve ter em mente que o método escolhido deve estar de acordo com a realidade do aprendiz e em consonância com o objetivo da aula, para que o estudante possa notar que o que é estudado segue um percurso e, deste modo, possa tornar-se consciente como aprendiz, ao mesmo tempo em que o professor, nesse contexto, é impulsionado a experimentar caminhos para atender às especificidades dos temas e do público com os quais trabalha.

Para Paulo, Freire “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (FREIRE, 2011, p. 46). Neste sentido, o aprendiz também é o autor de seu próprio conhecimento, e o professor apenas o mediador, que deve

procurar formas e métodos para que o aluno vá além do que é exposto em sala, de maneira a incentivá-lo a sempre querer pesquisar e aprender mais. Ao fazer isso, ele incentivará os alunos a entender melhor a língua e não apenas a uma mecanização de suas estruturas. Isso lhe permite orientar seus alunos e permite, também, que eles aprendam, evitando os impactos negativos, como a falta de motivação e de perspectivas em relação à língua, e fazer o possível para que os alunos tenham menos dificuldade para aprender a língua estrangeira.

Por sua vez, é muito comum que professores pratiquem em sala de aula aquilo que acreditam ser adequado, seja porque aprenderam deste modo ou porque seus professores tinham essa forma de ensinar, etc. Este fato ocorre por conta de questões bem mais complexas, relacionadas à experiência de cada pessoa, à vivência e a seu meio social.

Segundo Barcelos (2004), a possibilidade de criar espaços para alunos, futuros professores e até mesmo professores em exercício questionarem suas crenças, crenças sobre ensino etc., “[...] na tentativa de entender as crenças que nos cercam em nosso meio social, as consequências dessas crenças para nosso desenvolvimento como pessoas, como cidadãos, como professores e alunos” (BARCELOS, 2004, p. 146).

Nesse sentido, para além das opções metodológicas, há outra questão que interfere na prática docente: a crença. Pois acreditar que a aula deve ser de um modo ou de outro implica visualizar de certa maneira a relação entre professor e aluno, assim como a relação entre aluno e conteúdo. E isso é fundamental para entendermos que, por vezes, professores optam por ministrar suas aulas de um determinado modo.

OBSERVANDO A INTERVENÇÃO DAS COLEGAS

As aulas cuja observação nos serve de base nesta reflexão foram ministradas em duas turmas de 1º ano do Ensino Médio, turmas A e B, da escola de ensino médio da ECI Francisco Assis Gonzaga, situada na cidade da Prata, PB. Cada aula foi ministrada por duas duplas de professoras/residentes diferentes. Aqui, a primeira dupla será referida como A e B, e a segunda dupla como C e D. Em ambos os casos, as aulas observadas tratam do mesmo conteúdo, a saber: *muy* e *mucho*.

➤ Turma A – residentes A e B

As aulas de espanhol, nesta turma, ocorrem às segundas-feiras, no primeiro horário após o almoço. A turma tem 20 alunos. A aula inicia-se às 13h20min. Enquanto os alunos

estavam chegando, uma das residentes foi colocando no quadro o que iria ser trabalhado nesta aula. Quando todos já estavam em sala, as professoras pediram para que eles copiassem o que estava no quadro, ao que alguns começaram a reclamar, alegando coisas como “você só fazem copiar”, “é muita coisa”, “vou copiar não”. Então, as residentes tentam convencê-los de que não há muita coisa para copiar e de que é importante ter o conteúdo no caderno, pois precisarão deles para a avaliação. Depois de muitas reclamações, alguns alunos começaram a copiar, outros preferem permanecer conversando, outros copiam enquanto conversam e alguns outros parecem estar “fora” da aula. Depois de aguardar um tempo para que os alunos pudessem copiar o conteúdo posto na lousa, as residentes se propõem explicar o tema gramatical: *muy* e *mucho*.

Após a explicação ter sido colocada no quadro, uma delas imediatamente começa a passar-lhes uma atividade, que os alunos devem responder. São cerca de 12 frases que os alunos teriam que completar, preenchendo espaços em branco com *muy* ou *mucho*. Enquanto uma delas copia o exercício na lousa, a outra observa quem está fazendo o exercício e chama a atenção de quem não está copiando. Iniciam, finalmente, a explicação sobre quando usar *muy* e *mucho*. Para isso, relembram com os alunos o que são advérbios, adjetivos e substantivos. Em síntese, trata-se de uma exposição gramatical, sem maiores contextualizações.

A professora preceptora aproveita para lembrar que há algumas exceções – usa-se *mucho* antes de “más”, “menos”, “mejor”, “peor”, “mayor”, “menor”, “antes” e “después” –, que copiam no quadro e explicam, sempre falando em espanhol, ainda que também apresentem algumas observações em português. Depois de um tempo para que os alunos terminem de copiar e responder a atividade, explicaram novamente sobre os substantivos, adjetivos, advérbios e as exceções e, por fim, terminam a aula corrigindo a atividade.

A aula seguinte, na qual o mesmo conteúdo foi retomado, transcorreu, basicamente, da mesma forma: copiar mais frases no quadro, com espaços para os alunos complementarem. Só que dessa vez o número de frases era maior. A aula não consegue atrair os alunos, que mantêm conversas paralelas e mostram-se desinteressados. As residentes, no entanto, insistem na resolução de exercícios, em tirar dúvidas, traduzir palavras.

➤ Turma B - residentes C e D

As aulas nessa turma ocorrem na quarta-feira à tarde. É a primeira aula após o almoço. Quando as residentes entram na sala, a maioria dos alunos já está aguardando enquanto os

outros estão chegando. Nesse meio tempo, a professora preceptora informa a turma sobre os assuntos para a prova e, em seguida, inicia a aula.

Apresenta o assunto, coloca no quadro uma explanação acerca de *muy* e *mucho* e, depois de a maioria terminar de copiar, inicia-se uma explicação oral sobre o tema. A residente, falando sempre em português, ainda que as explanações postas na lousa estejam em espanhol, explica e mostra aos alunos como se usa *muy* e *mucho*, qual se usa antes de adjetivo, advérbio, substantivo e verbo, assim como comenta sobre o que é cada uma dessas categorias gramaticais, numa breve revisão. Trata, por fim, das exceções e, então, coloca-se à disposição para esclarecer dúvidas.

Como proposta de atividade, colocam-se algumas palavras no quadro, para que os alunos formem frases utilizando o que acabara de ser explicado: a atividade não consegue atrair a participação dos alunos, com escassas exceções. Após essa atividade ser feita, as duas professoras entregam-lhes um texto intitulado “La nina del impermeable rojo”, que apresenta alguns espaços em branco para completar com *muy* e *mucho*. Em razão do tempo de duração da aula, nem todos os alunos conseguem concluir a atividade em tempo de ser corrigida. E a aula termina.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Alguns professores ministram suas aulas a partir daquilo que acreditam ser correto ou adequado, muitas vezes isso está relacionado à maneira como eles estudaram durante toda a sua vida, ou até mesmo pela forma como seus professores transmitiam seu conhecimento. Neste sentido, as experiências e a realidade que o professor vive estão relacionadas intrinsecamente à sua prática docente, e isso reflete nas ações e metodologias utilizadas por ele na sala de aula, assim como a maneira que os seus alunos aprendem o conteúdo.

Para Sadalla, “as crenças representam uma matriz de pressupostos que dão sentido ao mundo, não sendo, apenas, um mero reflexo da realidade, mas sim vão sendo construídas na experiência, no percurso da interação com os demais integrantes desta realidade” (SADALLA, 1998, p.34). Neste sentido, a partir das observações, percebemos que as professoras utilizaram procedimentos muito parecidos e conservadores. Ficou claro que elas acreditavam que a metodologia adotada era a mais adequada, mesmo com a reação negativa dos alunos. Nossas crenças movem nossos atos, e acaba sendo difícil separar uma coisa da outra. Dessa forma, quando acreditamos em algo, tendemos a interpretar determinados fenômenos a partir da perspectiva do que acreditamos, mesmo que a realidade nos mostre o contrário.

Talvez suas crenças tenham sido o que motivou a utilização dos métodos adotados pelas residentes. Na primeira turma observada, notamos que a língua espanhola é utilizada o tempo todo pelas residentes, e isso é muito bom, para que os alunos tenham um maior contato com a língua e sua expressão oral. Por outro lado, as professoras adotam uma metodologia muito conservadora, utilizando apenas o quadro para uma breve explicação e, como atividade, frases descontextualizadas para os alunos completarem. Fica sugerida uma prática maçante e repetitiva, da qual os alunos reclamam.

Poderiam, por exemplo, ter utilizado outras formas de atividade que incluíssem todo o grupo, ou textos que envolvessem temas que permitissem interação em grupo, além de atividades envolvendo compreensão auditiva ou, ainda, diálogos. Existe uma infinidade de ferramentas que podem ser utilizadas como apoio para o professor, o que não significa que a aula expositiva não deva ser utilizada, mas, sim, que nem sempre ela é o único caminho.

Na segunda turma, por mais que a aula tenha sido ministrada em português, as residentes se preocuparam em não cansar os seus alunos, incentivando sua participação, impulsionando-os a construir frases com *muy* e *mucho* e apresentá-las ao grupo. O objetivo era continuar seguindo essa lógica, fazendo a inclusão de todos, até que os mais tímidos se sentissem à vontade para participar ativamente.

Neste sentido, a concepção do que se pensa sobre aula não é muito diferente entre ambas as duplas, o procedimento é que difere: com exercícios mecânicos, no primeiro caso; e, exercícios com uma participação mais criativa, no segundo grupo de residentes. Um exemplo disso foi a proposta de atividade, pautada em preencher lacunas.

Muitos professores acabam aderindo a metodologias mais conservadoras, porque acreditam que essa é a maneira mais adequada para se aprender uma língua estrangeira, deixando de lado métodos que servem de apoio até para o próprio professor em sala de aula. Através das observações, tornou-se perceptível uma espécie de “ingenuidade” por parte das residentes, que acreditam que aquela prática seria o melhor que elas podiam fazer e, mesmo com a reação negativa dos alunos, elas não cogitam que “preencher lacunas” não era suficiente para aprendizagem, ao menos não naquele momento.

Por outro lado, essas práticas, apesar de serem muito criticadas, ainda são muito utilizadas por professores que entendem que uma aula deve consistir no ensino de estruturas, seja por experiência ou por influência de uma sociedade que não acredita que se pode aprender uma língua estrangeira na escola, que não há necessidade de se estudar outra língua,

ou que pensam apenas no currículo para conseguir um emprego. Tudo isso pode acarretar a falta de interesse em aprender a língua e desvalorização do idioma na escola.

Por experiências como essas, é viável fazermos uma reflexão acerca dos profissionais que as universidades estão formando: será que mesmo que, apesar de tantas disciplinas, inclusive de didática, os licenciandos se mantenham presos à concepção tradicional do que é uma aula, como se o ensino de estruturas fosse o único elemento necessário para se aprender uma língua estrangeira. Será que esse “problema” é maior do que imaginamos? Será que estamos falando de jovens profissionais que não aceitam mudanças? Ou que não acreditam em outra forma de se aprender uma nova língua?

Não sabemos se todas as aulas ministradas por pelas residentes observadas seguem esse mesmo padrão, nem nos interessa julgá-las aqui. Há que observar, no entanto, a importância de o professor refletir sobre sua prática docente diariamente, analisando se o método a ser utilizado para a compreensão de uma habilidade específica está adequado ao perfil da turma, à proposta de aula e ao conteúdo selecionado.

Todo professor tem que ter consciência da diferença do que é uma aula produtiva ou não, se o objetivo da aula foi atingido ou não. Mais do que isso, conhecer seus alunos para tentar encontrar as melhores formas de apresentar um conteúdo específico, visando ao aprendizado e ao bom andamento da aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia de ensino é muito importante e pode influenciar bastante no processo de aprendizagem. Nesse sentido, o professor deve desenvolver atividades das mais variadas formas, levando em consideração aspectos linguísticos, interculturais, sociais, questões atuais para trabalhar a gramática, além da literatura, para que os alunos aprendam e desenvolvam seu potencial crítico e comparativo da língua estrangeira e da língua materna.

Nos casos observados anteriormente, as professoras poderiam ter abordado o conteúdo de maneira mais flexível, envolvendo todo o grupo, isso evitaria a dispersão dos alunos. Pode ser uma tarefa difícil, visto que talvez nem todos queiram participar inicialmente, mas isso é algo que vai mudando ao longo das aulas. Mesmo que existam muitas crenças acerca do processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, é necessário refletirmos sobre nossa prática diariamente. Nem sempre justificativas apresentadas por docentes para a pouca motivação de seus alunos, como a preguiça, o despreparo, as condições de vida, entre outras,

são explicações satisfatórias para o não funcionamento de uma aula. Por vezes, aquilo que ensinamos pode ser inadequado, ou pode estar sendo ensinado de modo inadequado, ou, ainda, a forma como ensinamos pode não ser a melhor ou mais adequada para quem aprende.

Ainda que nossa amostra seja muito pequena, ela parece ratificar a hipótese de que os modos como os professores conduzem suas aulas têm uma influência decisiva no processo de ensino e aprendizagem. Todavia, por vezes, as práticas pedagógicas e as escolhas metodológicas utilizadas constituem-se em fatores determinantes para que a aula se torne monótona e pouco formativa, o que aponta, nos casos analisados aqui, para a necessidade de maior reflexão prévia às aulas, no momento de sua preparação.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 146, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/download/217/184>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

BROWN, H. D. **Teaching by Principles: an Interactive Approach to Language Pedagogy**. 2. ed. New York: Longman, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia** – Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. *Contexturas*, n. 4, p. 13-24, 1999.

MEDINA, A.; SALVADOR, F. **Didáctica General**. 2. ed. Madrid: Pearson Educación, 2010.

SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. **Com a palavra, a professora**: suas crenças, suas ações. Campinas: Alínea, 1998.